

PMDB e PFL impedem a convocação de Funaro

Brasília — Luciano Andrade

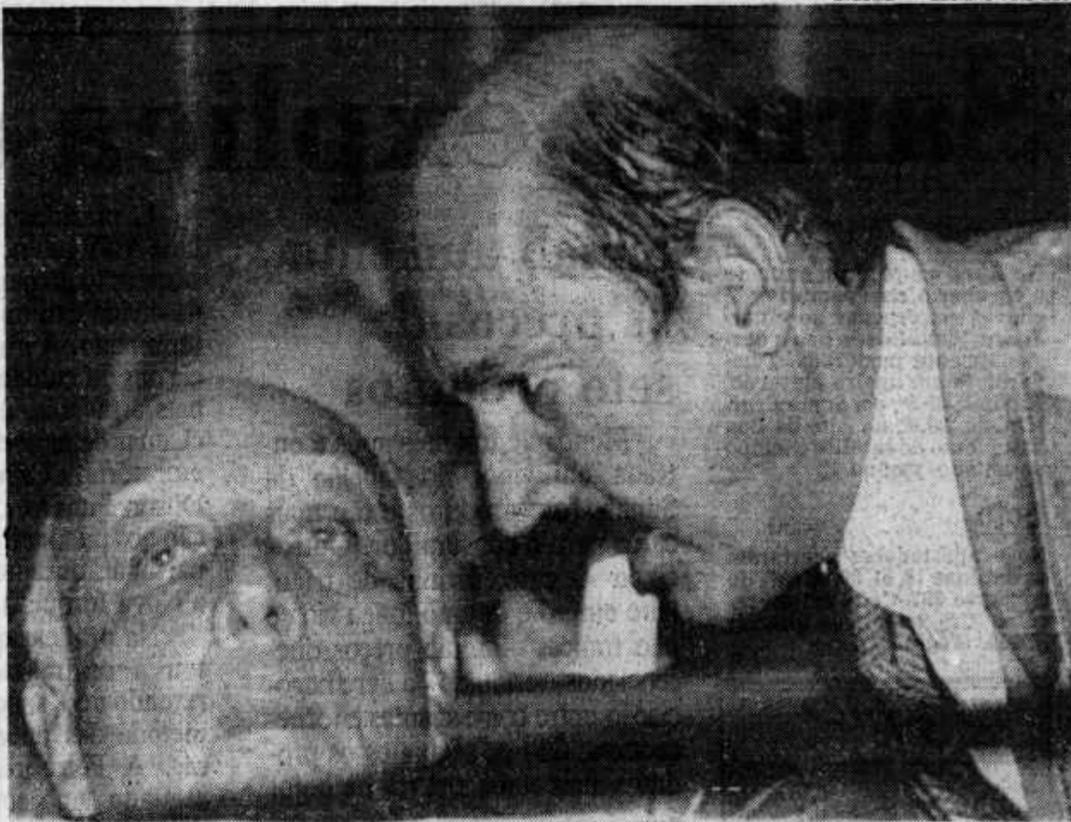
Brasília — O PMDB e o PFL impediram por 247 votos contra 121 e duas abstenções, que o ministro Dilson Funaro fosse convocado para dar explicações à Assembléia Nacional Constituinte sobre a dívida externa e a crise econômica. O PMDB tentou por todos os meios evitar a votação, propondo aos pequenos partidos que trocassem a data da convocação do dia 25 para o dia 26. Chegou a haver acordo, mas o líder do PFL, deputado José Lourenço, disse que o seu partido não concordava com a convocação em nenhum momento, porque "o fórum próprio para isso é a Câmara dos Deputados". O PMDB recuou e o deputado Ulysses Guimarães colocou a questão em votação.

A sessão de ontem foi muito tensa e com muita expectativa em relação à votação da proposta. Tão logo se iniciou, o líder do PC do B, Haroldo Lima, levantou uma questão de ordem, querendo saber quando Ulysses responderia ao requerimento que convocava sessão extraordinária para o dia 25, com o objetivo de ouvir o ministro Dilson Funaro. "Estou ciente da ansiedade dos senhores. Vou responder ao requerimento às 16 horas, quando iniciar o horário das lideranças", respondeu Ulysses, o que provocou um comentário do deputado José Genoíno: "A primeira parte de nossa estratégia funcionou. Conseguimos arrancar do Ulysses o compromisso que ele vai decidir o assunto hoje".

Ulysses, ao decidir sobre o assunto, não aceitou o requerimento alegando o regimento provisório. Mas o deputado José Maria Eymael (PDC) entregou então um recurso à mesa, como prevê o regimento, com a assinatura de mais de 20 constituintes. "Estamos recorrendo de sua decisão. Respeitosamente pedimos que o plenário seja consultado se concorda ou não com ela", disse Eymael.

Ulysses acatou o recurso e, depois de suspender a sessão por 15 minutos, deu início à votação. Ao encerrar, o deputado José Genoíno (PT), Haroldo Lima (PC do B) e José Bonifácio (PDS) levantaram questão de ordem, alegando que o regimento diz que "qualquer deliberação precisa dos votos da maioria absoluta dos constituintes, ou seja 280. Nem o sim, nem o não, obtiveram esse número de votos, o que significa que a votação não se conclui, sendo necessária nova votação".

"Não aceito sua questão de ordem porque é preciso 280 votos apenas para aprovar uma proposta", disse Ulysses. "Está encerrada a sessão", concluiu com um sorriso irônico. Também sorrindo, o deputado José Genoíno desabafou: "Perdemos a convocação do ministro, mas conseguimos uma vitória. Votamos na Constituinte, era isso que queríamos: votar. O PMDB e o PFL que assumam, agora, a posição que tiveram em plenário".



Ulysses e Luís Henrique conversam durante a tensa sessão da Constituinte

Deputado acha Sarney muito preocupado com ação de força externa

Brasília — O presidente José Sarney admitiu ao deputado João Herrmann (PMDB-SP) que pode haver forças externas interessadas em prejudicar seu governo. Segundo Herrmann, o presidente usou as seguintes expressões: "É evidente que, nos momentos em que você retira privilégios, as forças que sempre detiveram esses privilégios se voltam contra você. Só que, num regime democrático, como é o nosso caso, isso se traduz em derrotas eleitorais e não em golpes, como em regimes antidemocráticos".

O desabafo do presidente foi feito ontem, em uma reunião com o ministro Marco Maciel e o primeiro vice-líder do PMDB na Câmara, João Herrmann (SP). O deputado subiu a rampa do Palácio do Planalto para externar sua preocupação com a estabilidade do governo e pediu a presença de Maciel para cobrar uma posição mais nítida do PFL em relação à crise.

"Forças ligadas ao capital internacional e ao sistema financeiro interno do país estão agindo no sentido da desestabilização do Governo", denunciou então Herrmann. À tarde, muito agitado, o deputado paulista insistiu nas denúncias pelos corredores do Congresso e lembrou que, enquanto o país perdia reservas nos últimos cinco meses, as multinacionais instaladas no Brasil "transferiam enormes reservas para o exterior".

Discurso em inglês

Exímio construtor de frases fortes e de efeito, atuante militante do grupo da "esquerda independente", assíduo freqüentador do Palácio do Planalto e interlocutor de Jorge Murad e Roseana Sarney, o primeiro vice-líder do PMDB, João Herrmann Neto (SP), tem nos últimos dias ocupado muitos espaços na liderança do partido. Por vezes, tem até ofuscado o titular do posto, o deputado Luís Henrique (SC), de quem se tornou vice depois de um acordo que garantiu a eleição deste último.

Herrmann é conhecido entre seus companheiros de bancada e jornalistas como um parlamentar sem meias palavras e até rebelde. A sua posição é de que o PMDB tem que dar "apoio crítico" ao Governo, cobrando sempre o cumprimento do programa do partido pelo presidente José Sarney e sua equipe. Ele acha que o momento que o país vive é muito grave e critica o PFL pela "dubiedade" de posições em relação ao governo.

Ao pedir a presença do ministro Marco Maciel em seu encontro com o presidente Sarney, João Herrmann cobrou-lhe, sem constrangimentos, uma posição mais clara dos pefelistas. Ele considera a situação tão grave que chegou a levar suas acusações contra "forças externas e os banqueiros nacionais" ao ministro-chefe do Gabinete Militar, general Bayma Denis, que ouviu tudo calado.

Benedita estréia com discurso de improviso e recebe muitas palmas

Brasília — Falando de improviso e sendo interrompida três vezes pelas palmas do plenário, a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) estreou na tribuna da Constituinte mandando um recado para o governo. "Não se acaba com a pobreza matando os miseráveis", disse, numa referência ao programa de controle da natalidade. Além de Benedita, mais três mulheres discursaram ontem: Lúcia Braga (PFL-PB), Abigail Feitosa (PMDB-BA) e Ana Maria Rattes (PMDB-RJ).

Vestindo um conjunto de saia e blusa cor-de-rosa, Benedita começou a ser aplaudida antes mesmo de iniciar seu discurso de cinco minutos. Diante de um plenário atento e silencioso, ela largou as poucas anotações que trazia e passou a falar de improviso, dizendo-se "representante das mulheres, dos negros e dos favelados".

Festejada

Denunciou o programa de controle da natalidade e arrancou palmas do plenário, ao dizer que o governo "quer impedir que nasçam os pobres e pensa que pode acabar com a miséria do país desta maneira". Ao finalizar, deu sua receita: "A pobreza não se acaba matando os miseráveis, se acaba fazendo a reforma agrária, com distribuição de renda, com salários justos e com creches".

Ao descer da tribuna, foi cumprimentada com entusiasmo pelo deputado Miro Teixeira (PMDB-RJ), com um "saudações flamenguistas". De Vivaldo Barbosa (PDT-RJ) recebeu o comentário: "Com o brilho de sempre". O parlamentar Fernando Santana (PCB) cumprimentou-a com a expressão "saudações da Bahia". O deputado Carlos Alberto de Oliveira, o Caó, do PDT fluminense, deu-lhe um beijo e explicou: "Vim correndo". Depois de tantos cumprimentos, Benê desabafou: "Sei que a concordância do discurso estava errada em muitas frases, mas isso não me preocupa. Eu dei o meu recado e todos entenderam."

Brasília — O regimento que será votado neste fim de semana pelos constituintes propõe o dia 15 de novembro como prazo final para a apresentação da nova Constituição. Segundo o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), relator da proposta de regimento, já está definido que os constituintes vão trabalhar em nove comissões, oito das quais com mais três subcomissões. Uma delas atuará na ordenação final do projeto da Constituição — a comissão de sistematização.

Essa comissão será composta por todos os relatores e presidentes das demais comissões, mais 49 deputados, representantes de todos os partidos e por

eles indicados. Cada um dos 558 constituintes terá assento em uma comissão e nela terá voto. Mas poderá apresentar proposta em qualquer delas.

As comissões terão 60 dias de prazo para encerramento de seus trabalhos, que serão submetidos, então, à comissão de sistematização, com prazo máximo de 40 dias para apresentar o parecer final sobre as propostas constitucionais. O regimento mantém a possibilidade de a constituinte realizar sessões secretas, desde que não seja para discutir e votar temas constitucionais.

Fernando Henrique Cardoso, que à noite apresentou aos líderes e coordena-

dores de bancadas o projeto final de regimento, prevê para o próximo dia nove de março a eleição para a mesa da Constituinte, composta de um presidente, o deputado Ulysses Guimarães, dois vice-presidentes, três secretários e três suplentes. Dia 10, portanto, serão instaladas as comissões e iniciados os trabalhos e debates constituintes propriamente ditos. Até ontem ainda não estavam definidas as regras para a atuação dos líderes partidários na Constituinte e o funcionamento da Câmara e do Senado.

— São os pontos mais polêmicos — conclui o senador, que promete a apresentação do relatório do projeto de regimento para o final da manhã de hoje.

Rattes prepara posse de Moreira

O prefeito de Petrópolis, Paulo Rattes, confirmado para a Secretaria de Governo do estado, já tem a primeira missão oficial. Na terça-feira se encontrará com o representante do governo Brizola, Cibília Viana, para tratar dos detalhes da cerimônia de transmissão do cargo, dia 15, no Palácio Guanabara.

Moreira Franco, ao anunciar o nome de Paulo Rattes, aumentou para três o número de secretários oficialmente con-

vidados. Os outros são o jornalista Ricardo Boechat, de Comunicação Social, e o economista Antônio Cláudio Sochazewski para o Planejamento.

O governador eleito decidiu extinguir três secretarias, as de Desenvolvimento da Região Metropolitana, Obras e Meio Ambiente e Viação. E além de elevar à condição de secretaria a representação do Rio de Janeiro em Brasília, criou outras três: Meio Ambiente, Desenvolvimento

Urbano e Ciência e Tecnologia. A secretaria de Viação será incorporada à de Transportes e a Fundrem ficará subordinada à de Desenvolvimento Urbano.

O secretário Paulo Rattes, 53 anos, três filhos, casado com a deputada constituinte Ana Maria Rattes, pedirá licença por tempo indeterminado da prefeitura de Petrópolis, a partir de 15 de março. Será substituído pelo vice-prefeito Mateus Soares, também do PMDB.

A longa espera na porta do gabinete

Quem não se inscrever com a Josefina não fala com o Moreira.

Nem o vice-governador Francisco Amaral é dispensado da fila que toda tarde deputados, prefeitos do interior, dirigentes de partidos e representantes de entidades que ajudaram na campanha enfrentam para falar, às vezes por poucos minutos, com o governador eleito Moreira Franco. Quem controla tudo é a assessora Maria Josefina, que faz uma lista num bloco de papel e vai chamando um por um. Furar fila só com ordem do próprio Moreira.

O lema da campanha da Aliança Popular Democrática, fale com o Moreira, está sendo seguido ao pé da letra por quem se sente de alguma forma responsável pela vitória em 15 de novembro. Agora chegou a hora das cobranças de promessas, dos pedidos e, principalmente, da conversa política de dirigentes partidários para fazer o lobby de candidatos a secretários ou pretendentes a cargos do segundo e do terceiro escalões.

Alguns, como Joel Lima, presidente do Iapas, tentam disfarçar e, com ironia, fingem que não foram fazer pedidos:

"Falei com o governador que quero ser o todo-poderoso secretário de Fazenda, o César Maia desse governo. Assim, eu saio deputado federal em 90 tranqüilamente", afirmou ele, sem confessar o que conversou com Moreira Franco.

Outros, como o prefeito de Itaguaí, Otoni Rocha, e o primeiro suplente de deputado federal do PMDB, Ernani Boldrin, disseram que foram bater um papo com o Moreira para interceder pelo secretário-geral do PMDB, Jorge Gama. O que causou surpresa, pois Gama é amigo pessoal do governador eleito, coordenador de primeira hora da campanha de Moreira e provavelmente participará do governo.

Eles esperam horas para um encontro que varia de cinco minutos a meia-hora com Moreira, dependendo do prestígio e do assunto a tratar. Mas há os que passam a tarde e boa parte da noite circulando pelos corredores do escritório do governador sem ao menos tentar uma entrevista. É o caso do líder do PMDB na Assembléia Legislativa, Elias Camilo Jorge: "Não me inscrevi com a Josefina porque não tenho nada a tratar com

Moreira, só estou aqui fazendo sala mesmo."

Alberto Dauaire, deputado estadual, não tem a paciência de Elias Camilo Jorge. Inscreveu-se, falou com Moreira, fez sala, foi embora e, logo depois, telefonou e pediu para dar mais uma palavrinha com o governador.

Entrada franca no gabinete, assim mesmo nos intervalos entre as audiências, só têm o assessor Rogério Monteiro, o secretário de Comunicação Social, Ricardo Boechat, e o secretário de Governo, Paulo Rattes. Mas eles não dizem o que o governador conversou com ninguém — se é que sabem de tudo — pois isso desagradaria profundamente a Moreira, sempre muito reservado.

Hércules Correia, dirigente do Partido Comunista Brasileiro, conhecido como bom informante, muda de comportamento quando sai das conversas quase diárias com Moreira Franco. Ontem, foi mais reticente que nunca: "Estamos negociando, esperem que até segunda-feira surgirão novidades, talvez até surpresas", disse ele aos jornalistas, com ar de quem fazia uma grande revelação.

Cargos à vista

O PTB, que apoiou o governo Figueiredo em troca de cargos na Cobal, já está acertando seu apoio ao governo Sarney e anunciando que terá outra vez "participação na gestão administrativa". Liderados pelo deputado paulista Gastone Righi, os deputados do partido estiveram ontem com o presidente e vão iniciar nos próximos dias negociações com o chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, para definir o acordo. "É claro que pretendemos integrar o governo, já que vamos lhe dar apoio. Em relação a ocupar um ministério, contudo, esta é uma decisão do presidente Sarney", disse Righi. O deputado petebista de São Paulo Farabulini Jr. está contra o acordo: "O PTB de hoje é um novo partido, não é o PTB da Cobal. Não devemos negociar nosso apoio em troca de cargos."



Eleições diretas

— A convocação de eleições diretas para a Presidência da República deve ser feita pelo presidente Sarney e não pela Constituinte, de acordo com a opinião do governador Leonel Brizola, (foto) para quem Sarney é "a única pessoa que detém poder nas mãos para isso". A convocação feita pela Constituinte, contra a vontade do presidente, geraria conflitos "e provavelmente as eleições não chegariam a se realizar". Brizola reafirmou que, se chegasse à Presidência da República, tomaria duas providências imediatas: uma auditoria sobre a dívida externa e o rompimento do monopólio das Organizações Globo.

Secretários — O empresário Sérgio Machado, 40 anos, economista, que comandou a campanha eleitoral do governador eleito do Ceará, Tasso Jareissati, será o secretário de Governo, entre os primeiros nomes do novo secretariado já anunciados. Outro indicado é o deputado estadual Eudoro Santana, ex-superintendente local do Inera, que irá para a Agricultura e Reforma Agrária. O economista Rocha Magalhães, assessor do ministro João Sayad e ex-secretário-executivo do Ipea, vai para a Secretaria de Planejamento. Para a presidência do Banco do Ceará, em péssima situação financeira, foi indicado o economista Pádua Ramos. Jareissati extinguirá as secretarias da Casa Civil, Obras, Interior e Assuntos Municipais, devendo criar as de Transportes, Desenvolvimento Urbano e Recursos Hídricos.



Sempre com atraso

— O governador eleito do Paraná, Alvaro Dias, acha que as decisões da política econômica estão sendo tomadas sistematicamente com atraso. "O Cruzado II veio com seis meses de atraso. Agora, vamos mudar o teor da negociação com os credores e governos estrangeiros num momento de dificuldade da economia, o que nos enfraquece." Alvaro Dias será recebido pelo presidente Sarney na próxima quarta-feira.